



PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL: SALVANDO HISTÓRIAS E ESCRREVENDO MEMÓRIAS

Valdomiro Batista Rocha Marques

<http://lattes.cnpq.br/3580063193447337>

profmiro12@gmail.com

O artigo apresenta e relata resultados de uma pesquisa realizada com estudantes e professores de escola municipal de ensino da cidade de Vitória da Conquista, BA, sobre a produção de vídeo estudantil. Discute-se o uso da tecnologia e o crescimento da produção de vídeo dentro do contexto escolar como possibilidade de aprendizagem e se faz uma aproximação com a realidade vivenciada pelos jovens nas escolas. Observou-se o distanciamento das tecnologias na formação docente e constatou-se que o percurso realizado pelos docentes na produção de vídeo é vivenciado de forma autônoma sem muito apoio de sua formação. Foi possível detectar algumas contribuições da produção de vídeo no âmbito escolar e no processo educacional.

Palavras-chave: Neurociência; Educação; Produção de Vídeo Estudantil; Tecnologia.

INTRODUÇÃO

Algumas habilidades que os educandos precisam, como memorizar ou lembrar de um conteúdo específico, ficam em segundo plano na escola. Uma possível razão para isso é o fácil acesso à informação, que pode ser feito instantaneamente de qualquer lugar, e o conceito de dispersão do conhecimento. Portanto, o maior desafio dos educadores hoje é redefinir a sala de aula. Se a promoção de uma atividade pelo educando não fizer sentido, o ambiente certamente se tornará desagradável, possivelmente mostrando sua repreensão pessoal sobre o conteúdo e os métodos de ensino. Relacionado a essa questão, algumas escolas se opõem ao fluxo da teoria do ensino, mostrando-se cada vez mais punitivas e restritivas. A metáfora de uma escola como prisão é frequentemente ouvida, dada a sua configuração arquitetônica e programa de ensino. “Nossas escolas não estão sendo um espaço no qual a leitura seja um meio de criatividade e de prazer, mas sim, o espaço no qual leitura e escrita se associam a tarefa obrigatória e chata. Castradora, inclusive”. (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 128).

É por isso que é urgente transformar escolas e salas de aula em espaços de conhecimento e conhecimento que saibam responder ao progresso social. Em outras palavras,

o processo de ensino/aprendizagem - e as percepções dos educandos sobre ele - são muito mais importantes do que o resultado em si. Conhecer o processo usado para chegar a um determinado ponto é mais produtivo do que apenas memorizar regras gramaticais ou de matemática, pois a educação é um sistema projetado para proporcionar autonomia, independência, liberdade e pensamento crítico a quem está aprendendo. Nesse paradigma, criatividade, diferença, colaboração e leitura crítica são habilidades que são vigorosamente desenvolvidas na escola. Com base nesse sistema, e utilizando tecnologia audiovisual, promovemos um projeto de letramento e criação cinematográfica na escola pública Francisco Antônio de Vasconcelos. De acordo com McLuhan (1974, p. 13), “nós estamos entrando na nova era da educação, que passa a ser programada no sentido da descoberta, mais do que no sentido da instrução”.

Neurociência Aplicada à Educação e Produção de Vídeo Estudantil

Renata Aguilar (2019), em seu livro “Neurociência Aplicada à Educação” traz estratégias considerando aquelas que dizem respeito à atividade cerebral que possam contribuir sobremaneira para entendermos antes de qualquer ação, como o cérebro aprende, para a partir desse ponto planejar procedimentos que possam contribuir na aprendizagem das crianças nas diversas áreas do conhecimento, trazendo contribuições significativas do campo da neurociência como fonte de saber científico, uma visão que nos permite compreender as funções cerebrais no desenvolvimento da mente por considerar a neuroplasticidade como importante campo de investigação para aqueles que se propõe a dedicar-se ao universo da mente humana.

A PRODUÇÃO DE VÍDEO NA ESCOLA

As escolas estão equipadas com tecnologia, mas os professores têm acesso a esta tecnologia?

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa, e através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento. (BARBOSA, 1991, p.27).

A Produção de Vídeo Estudantil (PVE) é uma forma de arte ideal para os educandos se expressarem e serem capazes de criar narrativas originais devido à sua disponibilidade para um grande número de educandos e sua ampla gama de recursos criativos. Correndo o risco de explorar a imaginação e a criação em sala de aula, o Projeto CineArt: Salvando Histórias e Escrevendo Memórias, que nos permite dialogar com o cinema e o campo educacional, a partir da leitura de vídeos/filmes e da construção de vídeos com os educandos, onde os educandos podem participar diretamente da produção dos trabalhos e professores/coordenadores como mediadores. Promovido em turmas do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal Francisco Antônio de Vasconcelos, no Povoado de Cabeceira, zona rural de Vitória da Conquista, BA.

Dias e Mecca (2015), faz uma abordagem às habilidades para as funções executivas dividindo essas habilidades em criatividade, memória operacional, flexibilidade, autocontrole e disciplina e define as funções de cada uma, importantes para o completo funcionamento das funções do dia a dia, bem como observar os erros.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC), onde preconiza diversas ações fundamentais como base de uma educação de qualidade. Dentre elas, contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, organizar os componentes, aplicar e avaliar recursos didáticos estão presentes para intensificar ações para um bom planejamento nas esferas educacionais em colaboração com todo corpo diretivo. A importância do brincar na rotina dos educandos, o brincar criativo e espontâneo, o nosso cérebro também gosta de brincar, pois é na brincadeira que sentimos sensações de bem estar.

Emoção é a base do processo criativo audiovisual.

É essa emoção que ativa os circuitos executivos que fazem com que as pessoas prestem mais atenção ao que está acontecendo, enfatizando os circuitos sensores que prestam atenção especial. Um exemplo simples é quando os educandos têm que dar uma introdução ao seu aprendizado. A exposição é um ótimo exercício para os educandos gravarem em seus cérebros, porque apresentar, lembrar de ações e superar o medo e a timidez ajuda a exposição a fazer a diferença no processo de aprendizagem.

Vinculando o que é mostrado nesta seção à produção de vídeos, essa ação pode ser pensada como um espaço que permite que professores e educandos discutam a criação de novos signos imagéticos em um ambiente escolar. Essa ação é mediada pela tecnologia, mas

baseada na criatividade. Defende-se aqui o potencial deste tipo de trabalho nos métodos de ensino, pois a conversação, o debate e a investigação fazem parte do processo criativo e documental. Escrever roteiros, ensaiar falas, gravar, editar, errar, refazer, rir, chorar, mostra que a emoção é, sem dúvida, a base do processo criativo audiovisual.

Para Pereira e Neves (2014), o vídeo estudantil promove uma ação colaborativa tanto entre os educandos como entre os educandos e o docente. Assim, entende-se que essa ação é um momento de troca entre o grupo, oportunidade na qual um ajuda o outro. Apesar das necessidades técnicas ou artísticas que esse trabalho depreende, tais práticas não precisam e nem devem –ser orientadas por ações rígidas, pelo contrário, os educandos sentem-se tão livres nesse processo que convidam demais membros da comunidade escolar e a própria família para colaborarem com a produção. Esse trabalho colaborativo e interativo, também atende às ações preconizadas na Teoria dos Multiletramentos, uma vez que, segundo Rojo (2012), propostas pedagógicas que contemplam letramentos múltiplos são colaborativas e interativas.

Em geral, os centros educacionais tendem a ver as atividades imaginativas como tarefas limitadas ao domínio das artes, o que é considerado uma "perda de tempo" quando os professores correm o risco de "imaginar" outros temas em sala de aula. É encontrando este “tempo perdido” que conseguimos ganhar outro tempo cuja criatividade nos aproxima de outros modos de conhecimento, descoberta e invenção. (FRESQUET, 2015, pp. 29-30).

A Produção de Vídeo Estudantil (PVE), oferece a oportunidade de explorar a ação educacional, sua imaginação e criar seus pensamentos e emoções por meio do audiovisual. Além de contribuir para uma importante compreensão de outros conteúdos do curso, também desenvolve potenciais como percepção, visão, imaginação, emoção e sensibilidade. Também será capaz de definir estratégias individuais e coletivas na vida cotidiana, pois potencializam o poder do pensamento crítico e da tomada de decisão, essenciais para a construção da autonomia. Este é um campo muito rico porque, assim como os conteúdos de ensino a ele associados, eles desenvolvem possibilidades para ajudar os educandos a se tornarem melhores em outras disciplinas e no dia a dia, como pessoa. BARBOSA (2004), “Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve”.

RELATOS SOBRE A PRODUÇÃO DE VÍDEOS

O projeto de produção de vídeos que participei aconteceu na Escola Municipal Francisco Antônio de Vasconcelos, no período em que eu cursava o Ensino Fundamental II,

entre 2012 e 2014. A escola está localizada na Zona Rural de Vitória da Conquista - BA e carece de projetos culturais. A produção de vídeos, liderada pelo professor Valdomiro, trouxe aos educandos uma nova tendência de ensino que proporcionou o contato com as tecnologias digitais. Tendência essa que foi totalmente nova para mim. Na escola houve parcerias com professores de outras disciplinas, como Arte e português. E com isso, todos os trabalhos de produção de vídeos foram avaliados, incentivados e expostos na escola. O primeiro contato que tive com a produção de vídeos foi para falar de Bullying na escola, aconteceu no período descrito acima e foi incentivado pelo professor Valdomiro.

O conhecimento (...) exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em invenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. FREIRE (1997, p. 27).

Os educandos produziram um vídeo gravado com uma câmera da escola, baseado em uma história real que contava um relato de bullying, composto por escrita, imagem e fundo musical. Essa experiência foi muito rica, pois, além de tratar de um tema importante a ser discutido na escola, permitiu que tivessem contato com as tecnologias digitais. Portanto, a aprendizagem vai além do que aprender conteúdo, mas também conhecer assuntos que são para a vida. Todo o projeto permitiu que despertasse a criatividade, o interesse pelas tecnologias digitais como ferramentas de ensino, o conhecimento por temas do cotidiano, a preocupação e a busca pela melhoria do ensino e aprendizagem.

A aluna, Micaeli Meira Queiroz, disse: “acredito que todos os professores deveriam trabalhar com vídeos como recurso do ensino e aprendizagem. Em um mundo visual cheio de pessoas usando aparelhos conectados à internet, a imagem e os vídeos se tornaram parte do cotidiano da maioria das pessoas. E por esse motivo, acredito na potencialidade em abordar assuntos educativos através de vídeos. Nesse contexto, a produção de vídeos na escola é importante porque é um projeto rico que permite o uso das tecnologias digitais para proporcionar aos educandos a interdisciplinaridade, o contato com equipamentos digitais, a discussão de temas relevantes para a melhoria do ensino público”.

O trabalho de produção de vídeo estudantil foi desenvolvido no CEI de Cabeceira, nas turmas do Fundamental II. Segundo a professora Marizene, “A partir dessa vivência pude perceber que houve, de forma significativa, melhora na aprendizagem dos discentes

envolvidos, perceptíveis variadas formas de linguagens provocadoras de sensações e estas estimuladoras do ato do bem viver no campo sócio cognitivo e emocional. Viu-se uma fusão entre prosa e poesia deslumbrada na arte visual. A esse respeito Leandro Karnal afirma: ‘o educador precisa fomentar no educando sensações prazerosas por meio da arte, sem a qual não conseguirá ensinar conteúdos arcaicos e opostos’. Dessa forma o trabalho de produção de vídeo cuja essência é o prazer motivou os educandos a elaborar metas de forma prazerosa de impacto nas demais disciplinas elevando assim o nível de cognição afetiva alterando comportamentos e descortinando potencialidades ora latentes”.

De acordo com a professora Maria Dolores: “foi uma experiência importante tanto para os educandos como para nós que estávamos coordenando o projeto CineArt. Oportunidade de se trabalhar com a expressão artística por meio da linguagem do audiovisual. Neste trabalho, os educandos tiveram oportunidade de trabalhar em equipe, desenvolvendo cooperação, criatividade e imaginação. Nos vídeos construídos tiveram limitações que em outros trabalhos poderemos melhorar. A exemplo da elaboração dos roteiros, temáticas, ensaios, figurinos, edição, autorização para uso de imagens. Também, precisa ter maior envolvimento da escola como um todo”.

Consideradas as propostas teóricas aqui apresentadas, entende-se que a produção de vídeo estudantil atende a um projeto pedagógico capaz de acionar emoções que precisam ser trabalhadas no espaço educacional, conforme sugerem Cosenza e Guerra (2011). Essa produção enquanto prática pedagógica pode funcionar como uma ferramenta de multiletramentos, a partir da interação entre múltiplas linguagens. Trata-se de uma proposta que se alinha às tecnologias contemporâneas a que grande parte dos educandos está incluída, criando significação da maneira como os jovens o fazem, ultrapassando os limites do código verbal, privilegiado na escola tradicional, entrando no campo do design e da programação visual (GOMES, 2011).

Considerações

O objetivo deste artigo é ajudar o professor a refletir sobre seu papel na escola e na sociedade, para trabalhar com eficiência, garantir o desenvolvimento contínuo do conhecimento e valorização dos educandos e mobilizar o desenvolvimento de sentidos e habilidades básicas - criatividade, imaginação, observação e constitui uma excelente ferramenta para um amplo desenvolvimento humano. Ao ministrar suas aulas, o professor apresenta sua visão do que a arte representa para ele e para a sociedade, o que gera uma

necessidade constante do professor se atualizar sobre novas expressões artísticas. As facilidades, dificuldades e possibilidades técnicas já vivenciadas em atividades expressivas colaboram entre si para que possamos coordenar, investigar e desafiar com mais eficácia o processo artístico estabelecido por nossos educandos.

Referências

AGUILAR, Renata. **Neurociência Aplicada à Educação**. 2 ed. São Paulo: Edição, 2019.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte**. 5ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor. **Neurociência e Educação: Como o Cérebro Aprende**. Minas Gerais: Editora Artmed, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. 7.ed. - São Paulo : Paz e Terra, 1997.

FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006/14. In: FRESQUET, Adriana (Org.). **Cinema e Educação: a lei 13.006/14: reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015. p. 04-21.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTÍN-BARBERO, J. **Desafios Culturais: da comunicação à Educomunicação**. In: A. O. Citelli; M. A. C. Costa (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

PEREIRA, J.; NEVES, G. (Org.). **Produção de vídeo nas escolas: uma visão Brasil -Itália -Espanha -Equador**. 1. ed. Pelotas: Erdfilmes, 2014. 110p.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.